



Tríplice fronteira

Fiocruz Amazônia oferece curso
de especialização em vigilância
em saúde no Alto Solimões

Marlúcia Seixas

Ter profissionais de saúde capacitados para lidar com a realidade local é um desafio e, diante dessa situação, o Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazônia) iniciou o Curso de Especialização em Vigilância em Saúde na Rede de Atenção Primária à Saúde (APS), em Tabatinga, na tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru) do Alto Solimões. Tabatinga é um município distante 1.105 quilômetros de Manaus, localizado em uma região estratégica e que enfrenta importantes situações de vulnerabilidade social e sanitária, com perfil endêmico-epidêmico característico e

distintas interações entre países em contexto de transição epidemiológica e nutricional.

O curso iniciou com 45 alunos, sendo 33 brasileiros e 12 profissionais de Colômbia e Peru. A capacitação está sendo possível graças às parcerias com a Organização Panamericana de Saúde (Opas), Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), Assessoria de Assuntos Internacionais de Saúde do Ministério da Saúde (Aisa/MS), Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids do Ministério da Saúde, Secretaria de Saúde do Amazonas (Susam), Fundação de Vigilância em Saúde (FVS), Conselho de Secretários Municipais de Saúde do

Amazonas (Cosems-AM), Instituto Federal do Amazonas (Ifam/Campus Tabatinga), Associação Brasileira de Profissionais de Epidemiologia de Campo (ProEpi/MS) e Fiocruz.

A abertura da atividade ocorreu no Ifam/Campus Tabatinga e contou com a presença de autoridades, parceiros e alunos. A mesa de abertura foi composta por Carlós Campelo (Opas), Edgard Magalhães (Aisa/MS), Miriam de Moura Mar (Laboratório de Fronteira de Tabatinga/Lafron), Hermísio Coelho Pedrosa (Coordenadoria Regional da Fundação Nacional do Índio/Funai), Ercivan Gomes de Oliveira (Ifam/Campus Tabatinga), Fernando Herkrath (coordenador do curso, pelo ILMD/Fiocruz

Amazônia) e Sérgio Luz (diretor do ILMDFiocruz Amazônia).

Sérgio Luz revelou que há algum tempo a Fiocruz Amazônia vinha tentando oferecer um curso dessa magnitude para os profissionais que atuam no Alto Solimões e que dessa vez, com apoio dos parceiros, foi possível oferecer um curso presencial, que une a parte de vigilância com a atenção primária e percebe essa região como um único território. “A finalidade deste curso é justamente capacitar os profissionais que estão à frente desses serviços e começar a ter um olhar diferenciado para a região, que será transformado em medidas diretas para a população que aqui vive e enfrenta sérios problemas de saúde”, disse.

Para Carlós Campelo, da Opas, a proposta do curso de integrar a vigilância em saúde com a atenção primária é uma oportunidade e também um desafio, especialmente por estar numa região de fronteira amazônica. O Ministério da Saúde, por meio da Aisa, desde o início vislumbrou no cur-

so uma oportunidade de proposta internacional. Edgard Magalhães ressaltou a importância de se pensar a vigilância em saúde e a atenção primária não só na bacia do Rio Solimões, mas também do Rio Amazonas, que é uma bacia plurinacional e que compartilha as mesmas experiências. Para Fernando Herkrath, o curso é resultado um grande esforço e investimento das instituições e profissionais envolvidos, no entanto, requer empenho para a compreensão, por parte dos alunos, dos distintos sistemas de saúde e de vigilância dos países envolvidos, como ferramentas indutoras de futuros programas e ações conjuntas.

Alunos

O curso foi customizado para a região e sua complexa situação de saúde. *Políticas de saúde, o território e o contexto da APS em regiões de fronteira* foi o primeiro módulo, ministrado por professores do ProEpi/MS, que buscaram integrar os alunos, conduzindo-

os para que cada um conhecesse um pouco do cenário do outro e enxergasse as possibilidades de integração entre países e sistemas de saúde.

Empolgados com o início das aulas, os alunos sabem que terão uma longa jornada pela frente e que dependem de muita disposição para enfrentar os desafios de conciliar trabalho e estudos, mas o curso também oferece grandes oportunidades. Para Moisés Solimões Pinheiro, antropólogo que atua na vigilância sanitária no município de Benjamin Constant, o curso é uma oportunidade para enriquecer o conhecimento e também melhorar o serviço que desempenha na fronteira com o Peru.

Mas não são apenas os brasileiros que vislumbam oportunidades com o curso. Wieslawa Guivanni Alava Flores, do Centro de Investigação em Enfermidades Tropicais/INS/Cietrop, de Iquitos (Peru), vê na atividade uma chance de integração e discussão em torno das endemias da região. A matriz curricular do curso compreende dez unidades pedagógicas, totalizando 440 horas.



O curso iniciou com 45 alunos, sendo 33 brasileiros e 12 profissionais de Colômbia e Peru (Fotos: Fiocruz Amazônia)